



MULHERES ORTODOXAS UCRANIANAS: MUDANÇAS SILENCIOSAS DAS PRÁTICAS CULTURAIS EM LOCAIS DE ACOLHIMENTO

Paulo Augusto Tamanini ¹

Em uma época em que instabilidades e transformações rápidas alteram os modos de vida das pessoas, fazendo com que grupos e instituições posicionem-se frente a elas, aderindo-as ou reavaliando o peso e o valor daquilo que se tem por tradicional,² as Igrejas Ortodoxas estabelecidas no Brasil, desde os fins do século XIX, não se eximiram destes desafios. Também para os membros dessas igrejas a crise de valores decorrentes do processo de modernização nas sociedades foi, de certo modo, salutar por exigir tomada de posição ante a demanda e a oferta de novos paradigmas, abrindo flancos para mensurar seus apegos.

Por entender que a história cultural tem por objetivo “identificar o modo como em diferentes lugares e momentos uma determinada realidade é construída, pensada e dada a ler”,³ torna-se objetivo deste artigo averiguar e analisar as renegociações dos códigos de identificação e de pertencimento religioso empreendidas pelas descendentes de ucranianos ortodoxos, na cidade de Papanduva, mais especificamente no bairro de Iracema, nos contextos de sua chegada à cidade, no período entre 1960 e 1975, ante as novas propostas de se viver a religião e a cultura. Busca-se compreender em que medida práticas culturais costumeiras tiveram que ser readequadas aos novos cenários de estabelecimento e observar quais as estratégias estabelecidas pelas mulheres para facilitar a interação com o local de recepção.

Falar sobre os ortodoxos, mais do que falar das práticas e crenças religiosas, do simbólico, da alteridade, da transcendência, é compreender a fé como agente que intervém na visão de mundo, que muda hábitos, que inculca valores e que se configura como marcador social e divisor de fronteiras, a partir dos quais modos e composição cultural eram instituídos e legitimados.⁴ Aqui, o *ser ortodoxo* é tomado por princípio de distinção, ultrapassando o *status* de mera complementaridade étnica que porventura poderia estar relegado. Falar de religiosidade implica falar sobre a instituição, sobre códigos que regem pessoas ou grupos específicos, que tende a

¹ Doutorando do Programa de Pós-Graduação em História Cultural. UFSC.

² BERMAN, Marshall. **Tudo que é sólido desmancha no ar**: a aventura da modernidade. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

³ CHARTIER, Roger. **A história cultural**: entre práticas e representações. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990, p.17.

⁴ PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. **Tempo Social**. Revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 2. Novembro 2008, p.155.



ordenar e organizar homens e mulheres acomodando-os dentro de certos padrões comportamentais.⁵ O estudo sobre as práticas religiosas de vertente ortodoxa é encarado como fenômeno observado na realidade sócio-cultural, como um empreendimento humano, um produto histórico⁶ e que por certo incidia na manutenção de sua identidade.

A categoria gênero pode ser utilizada para refletir acerca do convívio entre homens e mulheres, das relações que foram construídas e legitimadas historicamente, calcadas nos discursos de diferença sexual.⁷ Masculinidade e feminilidade são marcas culturais, onde conceito de honra, macheza, virilidade ou delicadeza, fragilidade são reproduzidos no tempo e em lugares sociais.⁸ Papéis sociais masculinos e femininos são compreendidos como resultado de exigências advindas de um modo singular de pensar uma cultura em determinado tempo.

Se as práticas sociais são a tradução concreta de uma cultura, abordá-las pela ótica do religioso é uma maneira de averiguar possíveis alterações ou permanências no modo como as relações de gênero e as religiosidades se manifestavam por meio do grupo. Essas relações, segundo Bassanezi, são definidas por um conjunto de normas sociais vistas como culturais e válidas para todas as classes e crenças. Assim, o casamento religioso e a obrigação do uso de véu nas celebrações, por exemplo, definiam direitos e atribuições com relação aos papéis de gênero, traduzidos frequentemente por desigualdades e dominação do feminino pelo masculino.⁹ Disso, pode-se observar como práticas religiosas e manutenção de costumes se articulavam.

No entanto, a necessidade de mão de obra na construção de novas casas, por exemplo, fez com que padrões comportamentais femininos e a conseqüente exposição da mulher no trabalho fora das casas revelem múltiplas faces da imigrante ou descendente ucraniana que ora reproduzia o modelo dominante pensado pela etnia e pela Igreja Ortodoxa, ora desvendava comportamentos e modos ousados, rompendo com papéis femininos esperados; e tudo isto se demonstra em diferentes fazeres do cotidiano.

Michel de Certeau observa que o cotidiano também é dado no dia a dia (embora seja mais do que isso) e, para a comunidade ucraniana, o habitual é encenado dentro e fora de suas casas,

⁵ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002, p. 146.

⁶ Idem

⁷ SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). **A escrita da história: novas perspectivas**. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.

⁸ FÁVERI, Marlene. Guerras e papéis masculinos: Reflexões nas perspectivas de gênero. In: **Anais**. XXIII Simpósio Nacional de História. História: guerra e paz. Universidade Estadual de Londrina, PR . 17 - 22 de julho de 2005.

⁹ BASSANEZI, C. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal. **Caderno Pagu**, Campinas, n.1, p.112, 1993.



território onde se desdobram e se repetem os gestos elementares do espaço doméstico.¹⁰ Observo que nas franjas do cotidiano acontecem as resistências, os dribles, as formas de fazer diferente, as ousadias, as quebras sutis do imposto e é no cotidiano que os ucranianos se mostram receptivos e aderem às novidades que o local de acolhida lhes proporciona: a modernidade atravessa suas cozinhas que se exterioriza no manejo de novos utensílios e eletrodomésticos, ao mesmo tempo em que traços de uma cultura herdada dividem espaços e os afazeres do lar. Vidas de homens e mulheres tecidas na trama do cotidiano, com suas especificidades, com suas crenças, com suas delicadezas e exigências, retirando a certeza de uma pretensa similitude dos papéis sociais. Também Maria Odila Leite Dias, observa que “o cotidiano tem-se revelado área de improvisação de papéis informais novos e de potencialidade de conflitos e confrontos, onde se multiplicam formas peculiares de resistências”.¹¹

Desde sua chegada, as famílias imigrantes ucranianas estabelecidas em Papanduva moravam próximas umas das outras, o que demonstra certa unidade grupal, mas também estratégia de proteção. Visitando a comunidade ucraniana, estive na casa de Likéria, construída em 1975. A casa ainda conserva traços desde sua construção, embora se tenha trocado as janelas de madeira por outra, colocada em 1990. Hoje, a água do poço vem até sua cozinha, graças ao motor movido à energia elétrica que chegou na década de 1980. Embora as facilidades do mundo moderno chegassem à casa de Likéria, certos utensílios domésticos da época de seus pais ainda contracenavam em sua cozinha. Em sua casa, por exemplo, repetem-se alguns costumes trazidos do país de origem, como reunir a família ao redor de um fogão à lenha, como recorda Likéria:

Lembro-me muito bem de nossa casa. Uma casa simples, de madeira, mas muito harmônica. Nossa casa foi construída aos poucos, com madeira tirada da mata de nosso terreno. Algumas janelas foram trocadas porque o cupim comeu a madeira. Então colocamos vidros. Antes as janelas eram de madeira como a que está lá em cima. Outra coisa que mudou foram alguns móveis, por exemplo, agora temos geladeira, fogão a gás e pia de lavar louças. A água não é mais da cachoeira, é do poço. Na cozinha, tinha um fogão à lenha, feito de tijolo, parecido com este, uma mesa grande com muitas cadeiras. Ao redor do fogão à lenha, no inverno, toda a família se reunia para a janta e lá mesmo nós rezávamos. O calor do fogão nos fazia mais próximos. O fogo nos esquentava e um esquentava o outro. Naquela época não tinha importância que as paredes da casa ficassem enfumaçadas... Ninguém se importava com isso... o importante era não sentir frio e ficarmos juntos ao redor do fogão. Mas uma coisa sabemos: o frio de lá (da Ucrânia) era muito forte, nem se compara com o daqui!¹²

¹⁰ CERTEAU, Michel de. A invenção do cotidiano. 2. morar e cozinhar. Tradução de Ephraim Ferreira Alves. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994., p.31; p.203

¹¹ DIAS, Maria Odila Leite. **Cotidiano e poder**. São Paulo: Brasiliense, 1984, p.8.

¹² ORATZ, Likéria. Entrevista cedida em ...



A casa tornou-se um espaço de cruzamento por onde circulavam distintos aspectos, manifestações e interferências culturais, até porque a “vida cotidiana é a vida do homem inteiro, com todos os seus aspectos de sua individualidade e de sua personalidade”.¹³

O cotidiano de Likéria, na infância, deixou marcas de significação a ponto de alguns costumes ou hábitos serem trazidos para o presente. O fogão à lenha em sua casa *disputa* com o fogão a gás as funções do dia a dia, mesmo que ele seja usado “somente em ocasiões emergenciais, em casos extraordinários”.¹⁴ Michel de Certeau denomina cotidiano o que nos é dado no dia a dia e, habitualmente, ele é encenado dentro de cada casa, território onde se desdobram e se repetem os gestos elementares do espaço doméstico.¹⁵ Para Likéria, os gestos elementares eram tecidos pelas práticas mais simples, já pela manhã, quando se cumpria o ritual quase que cerimonioso para acender o fogão a lenha, como narra:

No fim do dia, antes de ir deitar, era preciso deixar tudo à mão para acender o fogo no dia seguinte: gravetos secos, umas achas de lenha e um pouco de querosene ou um pedaço de pano. Pela manhã, eu me levantava primeiro e colocava alguns gravetos, depois um pedaço de pano e por cima dele mais gravetos. Acendia o fósforo e conforme o fogo forteava colocava as achas de lenha. Parece simples, mas até mesmo para acender o fogo é preciso saber fazer. Meu menino caçula, até hoje, não sabe fazer fogo... Faz uma bagunça tão grande que em vez de fazer fogo, faz muita fumaça.¹⁶

O olhar atento de Likéria reconhece imediatamente a confusão que seu filho ainda faz para executar uma tarefa que para ela é feita com maestria, aprendida já na Ucrânia. Suas palavras, para além de fazer conhecer os seus hábitos matinais, mostram que nesta cultura cabia à mulher levantar-se por primeiro para desempenhar as primeiras funções domésticas, como acender o fogo e fazer o café. Ao averiguar o conteúdo de sua fala, constatei que seu *menino caçula*, já casado e com dois filhos, tenta reproduzir em sua casa, os hábitos herdados. Likéria confidenciou-me que na casa de seu *menino caçula*, embora o fogão a lenha tenha sido substituído pelo fogão a gás de seis bocas e com acendimento automático, sua esposa é quem levanta por primeiro para fazer o café, repetindo o que acontece na casa de seus sogros.

Assim, fogão a lenha ou fogão a gás dizem sobre o tempo, sobre mudanças, sobre aderir ao novo e às práticas modernas, mas que estão inseridos em um espaço onde as funções da esposa e do esposo ainda têm como referência a cultura herdada. Desta forma é possível verificar que os espaços sociais onde a cultura é encenada, embora ganhe contornos e aspectos modernos, o roteiro e a cena são dirigidos por costumes não tão contemporâneos.

¹³ HELLER, Agnes. **O cotidiano e a história**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992, p.17.

¹⁴ ORATZ, Likéria. Op. Cit.

¹⁵ CERTEAU, Michel de. Op. Cit., p.31; p.203

¹⁶ ORATZ, Likéria. Op. Cit.



Pude observar que as casas eram construídas de madeira, os tamanhos dos quartos, sala, cozinha e alpendre quase que obedeciam às mesmas dimensões, como relata Ivan Reva: “naquela época, as casas eram iguais porque só havia um modelo para todos, os carpinteiros eram os mesmos de sempre”.¹⁷ As casas eram construídas com madeiras largas, demonstrando que a floresta era rica em madeira de lei extraída de árvores ainda nativas. Tanto homens como mulheres ajudavam no preparo da madeira e na construção da casa, como relata Likéria Oratz: “Lembro que a madeira vinha bruta, dura, e nós tínhamos que cortar a madeira à mão, usando uma serra comprida. Meu marido ficava numa ponta e eu em outra. Não era fácil, pois tinha que fazer muita força”.¹⁸

Maria Bernadete Ramos Flores compreende ser o cotidiano também o lugar onde se constroem as relações de gênero, as estruturas familiares, as relações de vizinhança, os laços de solidariedade e as mudanças.¹⁹ Disto, pode-se entender que a mulher tornava-se protagonista de sua história, pois percebia a urgência das mudanças, submetendo-se a trabalhos pesados tanto quanto os homens, mesmo que sua exposição contrariasse os costumes impostos pela igreja ou pela tradição. A depoente corrobora o pensamento da autora, revelando um cotidiano que vai muito além da esfera do doméstico, do interior da casa, das coisas particulares, diluindo os limites imaginados, entre as esferas públicas e privadas.²⁰

Neste caso específico, não é possível afirmar que somente a *necessidade* foi fator preponderante para a quebra das normas de comportamento; somadas a ela, estavam a percepção e a vontade de transformação. É imperioso lembrar que Likéria como tantas outras mulheres do bairro de Iracema eram imigrantes e pertenciam a famílias camponesas. Desta forma, a associação de imigrantes com o trabalho faz parte da constituição da identidade de imigrantes tanto no passado quanto no presente; portanto a *necessidade* deve ser entendida como parte do contexto histórico, social e cultural na qual o homem e a mulher imigrante se inserem e querem ser aceitos porque produtivos. Ser trabalhador é condição do imigrante.

Likéria, mulher, mãe, dona de casa, esposa e também auxiliar da carpintaria na fabricação de sua própria moradia. Um tipo de trabalho facilmente remetido aos homens, mas que deslizou para os territórios delas, desestruturando costumes engessados pela cultura. Para Maria José Carneiro, para além de tudo isso, as mulheres também desempenham o papel de transmissoras e

¹⁷ REVA, Ivan. 40 anos, Papanduva. Entrevistado em 15 de fevereiro de 2008. Acervo do autor.

¹⁸ ORATZ, Likéria. Op. Cit.

¹⁹ FLORES, Maria Bernadete Ramos. Entre a casa e a rua: memória feminina das festas açorianas no sul do Brasil. **Cadernos Pagu**. Campinas: Unicamp, n. 4, 1995, p. 122.

²⁰ Idem.



guardiãs privilegiadas de valores familiares.²¹ O cotidiano de Likéria mostrou que o espaço público se desdobrava e se tornava extensão da sua casa onde distinções não eram facilmente captadas. Portanto, “a intimidade não é o avesso da exterioridade”.²²

Likéria nos faz pensar que por mais que sua cultura e a igreja quisessem que a mulher ficasse alheia ao convívio social, a inópia da mão de obra fê-la indispensável. Falas como a dela questionam a imposição de modelos-padrão, em que é possível interrogar o pensamento que o privado seja próprio das mulheres. A este respeito, a tensão entre inclusão e exclusão da mulher na vida pública foi de certa forma resolvida pela divisão dos espaços sociais: diferenças biológicas correspondem às diferenças de atuação social, ou seja, a esfera privada para a mulher e a esfera pública para o homem.²³

Os relatos de Likéria, no entanto, informam que suas mãos eram tão calejadas quanto as dos homens, suas roupas tão sujas de pó e serragem quanto as do seu marido e vizinhos. Nesta trilha, as idéias teóricas de Joan Scott²⁴ sinalizam para pensar as *diferenças na diferença*, sugerindo que eram evidentes as distinções para as mulheres de classes diversas. As mulheres que pertenciam a camadas mais abastadas poderiam usufruir de um padrão de conforto diferenciado, sem preocupação com o trabalho forçado e, por isso delas eram cobradas certas etiquetas; já as mulheres das camadas populares, como muitas imigrantes, necessitavam laborar na agricultura, na criação de animais, nas oficinas artesanais, no campo ou na lavoura. Disto, pode-se concluir que o modelo da mulher submissa fazia parte dos discursos elitistas cujos comportamentos as remetem para uma classe burguesa na qual regras, condutas, jeitos apropriados, delicadeza etc. nem sempre podem ser vistos como universais, pois vozes contrárias testemunham a sua inadequação.

Ainda na perspectiva de observação que leva em conta as relações de gênero, a análise das informações procedentes das falas de Likéria, por exemplo, mostra que as mulheres revelaram-se pessoas dinâmicas, determinadas em trabalhar dentro de suas casas e fora delas, nos afazeres domésticos, na criação de porcos, galinhas, no trato do gado, no trabalho da lavoura, produzindo geléias, queijos, *chimias*, nata, velas, auxiliando no mantimento e necessidades da casa. Nesse sentido, as fontes forneceram informação para mapear o perfil dessas imigrantes que fogem e muito daquela imagem estereotipada que delas a igreja e os costumes tinham.

²¹ CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. **Estudos Feministas**, Florianópolis, v.9, n.1, 2001, p.22

²² FLORES, Maria B. R. Op. Cit., 1995, p.124.

²³ FÁVERI, Marlene de; VENSON. Anamaria Marcon. Entre vergonhas e silêncios: o corpo segredado (práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação). **Revista Artemis**, João Pessoa, v. 07, dez/2007, p.56-58.

²⁴ SCOTT, Joan. Op. Cit., 1992, p. 87.



Pelos depoimentos, constatei que muitas famílias ucranianas, em Papanduva, ao longo dos anos, adquiriram propriedades: extensas áreas de plantio onde cultivavam feijão, milho, e posteriormente fumo. Nessas propriedades, as mulheres também circulavam e, às vezes, trabalhavam de sol a sol, na época da colheita. As mulheres, na maioria das vezes à tarde, depois de lavar a louça do almoço, iam para a roça, trabalhar junto com o marido e filhos, como conta Lara Petruk:

A lida começava bem cedo, pois antes de ir para roça, minha mãe tinha que preparar a comida para levar. Quando nós, os filhos, éramos pequenos, ficávamos em casa com algum irmão cuidando. Depois, quando crescíamos, íamos para a roça com os pais. Ficávamos brincando, correndo e os mais crescidinhos já pegavam na enxada. Somos gente da roça, gente do trabalho, e isso começava desde cedo.²⁵

Lara relembra que ajudava seus pais desde cedo e que ela não fora a única. Seu depoimento publiciza que os ucranianos não se acovardavam diante do trabalho. O discurso do imigrante ucraniano laborioso estava permeado pelo desejo de construir a idéia positivada da imigração (de alemães, italianos, poloneses e ucranianos) nas quais a revalorização e qualificação do trabalho são importantes.

Nas palavras de Lara, além de trabalhador o imigrante ucraniano de Papanduva não desperdiçava nada: “aprendi a tirar o leite e colocar em litros de vidro para levar a vila para ser vendidos nas casas e do leite restante, fazer a nata, a *chimia*, o queijo e o requeijão... Da banha do gado e do porco fazíamos o sabão, para lavar a roupa, a casa, e tomar banho”.²⁶

Segundo Lara, outras famílias se especializaram na apicultura: cultivavam colméias e vendiam o mel no centro de Papanduva; porém o produto mais valioso não era o mel e sim a cera. “Muitas pessoas, de outras cidades, vinham em busca de nossa cera, para fazer produtos de beleza. Com a procura da cera, o número de famílias que entraram nesse negócio cresceu. Uma parte dessa cera era reservada para a casa, para fazer a vela e usar na Igreja”.²⁷

Os estudos romperam com uma visão universal do masculino ou feminino e sugeriram pensar uma infinidade de categorias vinculadas a condições especiais do “ser mulher” ou “ser homem”, em determinados lugares e épocas. As reflexões de Joan Scott colaboraram para se pensar:

[...] sobre os sistemas ou estruturas de gênero; presume uma oposição fixa entre os homens e as mulheres, e identidades (ou papéis) separadas para os sexos, que operam consistentemente em todas as esferas da vida social.(...) Amplia o foco da história das mulheres cuidando dos relacionamentos macho/fêmea e de questões

²⁵ PETRUK, Lara. 45 anos. Papanduva. Entrevista cedida em 14 de março de 2009. Acervo do autor.

²⁶ Idem

²⁷ Idem



sobre como o gênero é percebido, que processos são esses que estabelecem as instituições geradas, e das diferenças que a raça, a classe, a etnia e a sexualidade produziram nas experiências históricas das mulheres.²⁸

As relações que se estabeleceram entre homens e mulheres, em determinados períodos históricos, autorizaram que, ao longo dos tempos, se legitimassem certas expressões tais como, “tarefas de mulheres” ou “ofícios dos homens”, marcando o universo das relações sociais. Nas últimas décadas, estes conceitos foram neutralizados como a inversão dos papéis, tradicionalmente atribuídos aos sexos, colaborando para romper com visões que associavam homens e mulheres a atividades específicas, provocando silenciosas mudanças no modo de agir e de se sentir no mundo.

Essas questões permitem pensar também as relações que se estabelecem no interior da comunidade de imigrantes ucranianos onde a necessidade parecia falar mais alto, ditando outras formas, outros padrões de comportamento. Mulheres que recusavam a discricção, considerada sempre uma virtude feminina,²⁹ favoreciam, de certa forma, um rompimento da ordem pensada. Agnes Heller, ao estudar as sociedades tradicionais que se amparam, para poder sobreviver, em valores estáveis e imutáveis, enxerga certo perigo e incertezas em toda mudança.³⁰

No mundo das incertezas, como afirmava Marshall Berman “em que tudo que é sólido desmancha no ar”³¹ as pessoas, os grupos, as instituições, posicionam-se perante as mudanças, aderindo ou avaliando o peso das tradições. Os costumes sofrem as ações do tempo, do espaço sociocultural e de forma sob-reptícia revela que não é tão cristalizado quanto querem pensar alguns. Os moradores da comunidade ucraniana de Papanduva continuam se identificando como tais, mas não se comportam como seus antepassados: suas práticas religiosas, sua língua, modos de se trajar e calçar, seus relacionamentos demonstram o quanto as tradições são reinventadas, reinterpretadas, tantas vezes quanto o contexto, onde estiverem inseridos, lhe impuser.

Bibliografia

BASSANEZI, C. Revistas femininas e o ideal de felicidade conjugal. *Caderno Pagu*. Campinas, n.1, p.112, 1993.

BERMAN, Marshall. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1986.

²⁸ SCOTT, Joan. Op. cit. p. 88-89.

²⁹ HAUG, Frigga. O novo movimento feminista. In: VIEIRA, Maria Lúcia; GARCIA, Marco Aurélio (org.). **Rebeldes e contestadores: 1968** (Brasil, França, Alemanha). São Paulo: SESC; Perseu Abramo, 1999, p. 44.

³⁰ HELLER, Agnes et al. (org) **A crise dos paradigmas em Ciências Sociais e os paradigmas para o século XXI**. Rio de Janeiro: Contraponto, 1992.

³¹ BERMAN, Marshall. Op. Cit.



CARNEIRO, Maria José. Herança e gênero entre agricultores familiares. *Estudos Feministas*, Florianópolis, v.9, n.1, 2001.

CERTEAU, Michel de. *A escrita da história*. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2002.

_____. *A invenção do cotidiano*. Morar e cozinhar. Petrópolis, Rio de Janeiro: Vozes, 1994.

CHARTIER, Roger. *A história cultural: entre práticas e representações*. Lisboa: DIFEL; Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1990.

DIAS, Maria Odila Leite. *Cotidiano e poder*. São Paulo: Brasiliense, 1984.

FÁVERI, Marlene de; VENSON. Anamaria Marcon. Entre vergonhas e silêncios: o corpo segredado (práticas e representações que mulheres produzem na experiência da menstruação). *Revista Artemis*. João Pessoa, v. 07, dez/2007.

_____. Guerras e papéis masculinos: reflexões nas perspectivas de gênero. In: *Anais. XXIII Simpósio Nacional de História*. História: guerra e paz. Universidade Estadual de Londrina, PR . 17 - 22 de julho de 2005.

FLORES, Maria Bernadete Ramos. Entre a casa e a rua: memória feminina das festas açorianas no sul do Brasil. *Cadernos Pagu*. Campinas: Unicamp, n. 4, 1995.

HAUG, Frigga. O novo movimento feminista. In: VIEIRA, Maria Lúcia; GARCIA, Marco Aurélio (org.). *Rebeldes e contestadores: 1968 (Brasil, França, Alemanha)*. São Paulo: SESC; Perseu Abramo, 1999.

HELLER, Agnes et al. (org) *A crise dos paradigmas em Ciências Sociais e os paradigmas para o século XXI*. Rio de Janeiro: Contraponto, 1992.

_____. *O cotidiano e a história*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1992.

PRANDI, Reginaldo. Converter indivíduos, mudar culturas. *Tempo Social*. Revista de sociologia da USP, São Paulo, v. 20, n. 2. Novembro 2008.

SCOTT, Joan. História das mulheres. In: BURKE, Peter (org.). *A escrita da história: novas perspectivas*. São Paulo: Universidade Estadual Paulista, 1992.